

# ULALUME

Edgar Allan Poe

## ULALUME

ERA O CÉU de um cinzento funerário  
e a folhagem, fanada, morria;  
a folhagem, crispada, morria;  
era noite, no outubro solitário  
de ano que já me não lembraria;  
ficava ali bem perto o lago de Auber,  
na região enevoadada de Weir;  
bem perto, o pantanal úmido de Auber,  
na floresta assombrada de Weir.

Lá, uma vez, por um renque titânico  
de ciprestes, vagueei, em desconsôlo,  
com minha alma, Psique em desconsôlo.  
Era então o meu peito vulcânico  
qual torrente de lava que no solo  
salta, vinda dos cumes de Yaanek,  
nas mais longínquas regiões do pólo,  
que ululando se atira do Yaanek  
nos panoramas árticos do pólo.

Tristonha e gravemente conversamos,  
mas a idéia era lassa e vazia  
e a memória traidora e vazia;  
que o mês era de outubro não lembramos,  
nem soubemos que noite fugia.  
(Ai! A noite das noites fugia!)  
Não recordamos a lagoa de Auber  
(e já fôramos lá, certo dia);

não pensamos no charco úmido de Auber,  
nem no bosque assombrado de Weir.

Quando a noite ia já desmaiada  
e as estrêlas chamavam pela aurora,  
pálidos astros apontando a aurora,  
eis que surge, no extremo da estrada,  
uma luz fluida, nebulosa; e fora  
dela se ergue um crescente recurvo,  
coroa adamantina, e se alcandora;  
surge, claro, o crescente recurvo,  
diadema de Astarté, que se alcandora.  
“Menos fria que Diana é essa estrêla”,  
digo, a girar num éter feito de ais,  
sorridente, num éter feito de ais.

Viu o pranto, que a mágoa revela,  
nas faces em que há vermes imortais  
e, por onde o Leão se constela,  
vem mostrar o caminho aos céus, letais  
caminhos para a paz dos céus letais;  
a despeito do Leão, vem-nos ela  
iluminar, com os olhos triunfais.  
Das cavernas do Leão, vem-nos ela,  
cheia de amor nos olhos triunfais.”

Mas diz Psique, tremendo de aflição:  
“Dessa estrela, por Deus, desconfia!  
Dêsse estranho palor desconfia!  
É preciso fugir de luz tão fria!

Apressemo-nos! Voemos, então!”

E, perdidas de tanta agonia,  
suas asas se inclinavam para o chão;  
soluçava e, de tanta agonia,  
as plumas rastejavam pelo chão,  
tristemente roçando pelo chão.

“Isso – falei – é um sonho de criança!  
Oh! sigamos a luz que facina,  
mergulhemos na luz cristalina!  
É um clarão de beleza e de esperança  
o que vem dessa luz sibilina.

Olha-a: entre as sombras, como gira e dança!  
Guie-nos, pois, essa estrêla, que ilumina  
nossa estrada, com tôda a confiança;  
que nos guie para onde se destina.  
Nessa estrela tenhamos confiança,  
pois nas sombras, assim, volteia e dança!”

Dou um beijo a Psique, que a conforta,  
impedindo que o mêdo se avolume,  
que a dúvida, a tristeza se avolume,  
e da estrêla seguimos o lume  
até que nos deteve uma porta  
de tumba, e uma legenda nessa porta.

“Doce irmã – perguntei –, dessa porta  
que tragédia a legenda resume?”

“Ulalume!” – responde-me. – Ulalume!”

“Essa é a tumba perdida de Ulalume!”

E me vi de tristezas referto,  
como a folhagem sêca que morria,  
a folhagem fanada que morria!  
E exclamei: “Era outubro, decerto,  
e era esta mesma, há um ano, a noite fria  
em que vim, a chorar, aqui perto,  
fardo horrível trazendo, aqui perto!  
Nesta noite das noites, sombria,  
que demônio me arrasta aqui tão perto?  
Bem reconheço agora o lago de Auber  
na região enevoadada de Weir;  
bem vejo o pantanal úmido de Auber,  
na floresta assombrada de Weir!”